

abc

PORTEGAIS - FRANÇAIS

QUÉBEC

JORNAL COMUNITÁRIO EM PORTUGUÊS

Portuscale



Num. 225 Ano / An 9 - 19 de Novembro / 19 novembre 2022

JOURNAL COMMUNAUTAIRE EN FRANÇAIS

CANADA

Berlin



1989
2022



LA CHUTE DU MUR DE BERLIN *CE'ST LA* FIN DE LA GUERRE FROIDE?

Ver na página 15 o pedido de apoio aos Comandos de Portugal

Visitez
Portugal



Le pays du Soleil

A Chuva e o Bom Tempo

Julgando um dever cumprir, / sem descer do meu critério /
Digo verdades a rir, / Aos que me mentem a sério.

António Aleixo 1899-1949

Opinião

Ao correr da pena.... falando duma Agência Governamental de emprego

Nas minhas recentes divagações aos comunicados anteriores, encontrei um raramente visto e talvez mesmo, pouco encontrado. Espero e desejo que na verdade seja um caso raro ou será motivo para grande debate na chamada Casa do Povo, a Assembleia da República. Aos poucos, vamos descobrindo para onde vai o dinheiro de que Portugal necessita para fazer uma notável organização, na defesa do país e da sua população.

Sabemos bem que uma grande parte desses fundos — supostamente para ajudar o povo — é repartida por entre os "jujus" do sistema que de pronto, procuram guardá-lo dos olhos, "mãos e pés" dos kamaradas invejosos, sedentos Homens do Rato, onde um habitual no tempo de vida fez fortuna e encontrou poiso para a sua Fundação.

Passou todas as etapas tendo até passado frutuosas férias em Cabo Verde, antiga Província Portuguesa, de que pretendeu fazê-la país europeu... correspondendo desse modo incoerente à descabida pretensão de alterar o mapa mundo, colocando novos países africanos, filiados a uma Europa há muito flagelada pelas nações do Norte.

Parecem ser incomportáveis as exigências dessas nações que provavelmente se compreenderão — somente — pelas diferenças de hábitos e costumes que chocam com o conservadorismo mais visível no Sul.

Temos o hábito de admirarmos, pelo sistema de vida, formas de viver, respeito pelas normas estabelecidas e tudo o resto, os países do Norte Setentrional esquecendo as responsabilidades a que as populações são chamadas a ter presente para poderem usufruir desse bem estar. É o caso da Suécia, país sempre lembrado para comparações de tipo de vida. Com uma população idêntica — em número — à portuguesa, tem uma superfície bastante maior todavia, os seus 349 deputados consideram-se cidadãos comuns : - a "Suécia, é o país onde os deputados não têm assessores, dormem no em pequenas camaratas e pagam pelo cafezinho".

A Suécia é uma monarquia constitucional e uma democracia parlamentar: o chefe de governo é o primeiro-ministro e o chefe de Estado o monarca. O poder executivo é exercido pelo governo e o poder legislativo por um Parlamento unicameral. A Suécia é um Estado unitário, dividido em 20 condados e 290 municípios.

E a imunidade parlamentar é um conceito que não existe na Suécia.

Para os deputados suecos do novo Parlamento, eleito em Setembro passado, a realidade é a austeridade de sempre: gabinetes de sete metros quadrados, apartamentos funcionais pequenos e rígidos limites para o uso do dinheiro dos contribuintes no exercício da actividade parlamentar.

Vi há tempos num jornal de que não me recordo a nacionalidade, uma fotografia do PM sueco que, segundo os dizeres do periódico, viajava de Metro para se dirigir ao Parlamento. E pensei, como em Portugal...

Na Suécia, o único político que tem direito a carro em caráter permanente é o primeiro-ministro. O carro pertence à frota da polícia secreta sueca, a Säpo (Säkerhetspolisen). Ministros podem requisitar veículos "quando têm

fortes razões para precisar de um", segundo diz um assessor do governo: "Por exemplo, quando vão fazer um discurso em um subúrbio distante". Estas, as pequenas comparações. Portugal, nas últimas eleições, fez subir ao Parlamento 230 deputados e na União Europeia são "sómente" 21. .. com a grande diferença ou "esta" grande diferença, de quase todos os ministros, secretários de Estado, etc., terem automóvel haut "la game" com contrato renovado de 2 em 2 anos. Restaurante a preços baixíssimos no Parlamento, subsídios de residência e outras (muitas) regalias a fazerem muitos invejosos na praça pública.

Relembremos que Portugal, de que a história abunda de grandes viagens marinhas e de descobertas, borda a Península Ibérica, virado para o Oceano Atlântico. A sua História teve grande impacto sobre a cultura do país, sendo as influências maures e orientais dominantes na arte e na arquitectura.

No presente, essas influências têm domínios socialistas e na corrupção dos povos, copiadas de todo o mundo "mafioso"....

Depois da epopeia que nos caracteriza — as descobertas marítimas — permitiram-nos a formar um largo império. Actualmente o Presidente, eleito por cinco anos, tem direito a poderes limitados e o Parlamento cujo mandato é de 4 anos, conta com 230 deputados...pergunta-se para quê. Para que servem! Outra grande diferença com os servidores da Suécia...

Na Economia o país tem uma economia diversificada reposando cada vez mais sobre o Turismo e Serviços — novo tipo de escravatura e servidão — sobretudo depois da adesão à Comunidade Europeia em 1986. Nos últimos 20 ou 30 anos os sucessivos governos privatizaram grande números de empresas de Estado e liberalizaram os principais sectores da economia, como as Finanças e as Telecomunicações.

Com um sistema educacional medíocre, Portugal faz obstáculo à productividade e ao crescimento, enquanto promove a emigração das inteligências e das capacidades de que o mundo aguarda e necessita.

Formamos técnicos e doutoramentos para o mundo poder avançar. As nossas Universidades dão inteligências ao planeta. Talvez em troca e enquanto isso, formamos entre portas os corruptos que se vão enchendo de euros ou dólares, vendendo Portugal como mantas de retalhos, fazendo vénias àqueles que bem instalados em Bruxelas, aguardam o momento exacto de arrecadarem o nosso país como juros da dívida acumulada ao longo destes anos sem trabalhar. Apenas a viajar. Estranhamente conservando a conivência característica do período da guerra fria, com as meias-verdades da história europeia impostas pelos regimes totalitários pro-comunistas

Temos nesse grupo. *Ao Correr da pena*, um caso singular. Uma agência governamental de empregos, no Gabinete do PM Português. Como digo no começo desta opinião, encontrei este comunicado ao manusear certos mails arquivados e onde se conta que o gabinete do nosso PM tem, nada mais nada menos do que 67 empregados! Leram bem: 67! Tem um chefe de gabinete que usufrui 4596.30 e 66 outros cujos ordenados variam de 976.53 e os tais 4596.30 do chefe de gabinete. Fazem parte deste grupo, no total, 1 chefe de gabinete, 10 Acessores, 7 Adjuntos, 4 Técnicos Especialistas, 10 Secretárias Pessoais, 1 Coordenadora, 13 Técnicos Administrativos, 9 Apoios Auxiliares e 12 Motoristas.... Qual será o total financeiro? Certamente muitos céntimos!!.

Não é difícil somar. Temos os valores de todos os ordenados. Só nos motoristas a mais de mil e oitocentos euros por mês, calculem o resto... ainda dizem que o Governo não cria empregos...

Raul Mesquita



HISTÓRIA GERAL-IDADE CONTEMPORÂNEA: GUERRA FRIA



A Guerra Fria foi responsável pela polarização mundial e, entre 1947 e 1991, desencadeou uma série de pequenos conflitos como resultado da disputa entre EUA e URSS.

Durante a Guerra Fria, URSS e EUA disputaram a hegemonia mundial.

A Guerra Fria aconteceu entre 1947 e 1991 e marcou a polarização do mundo em dois blocos: um liderado pelos americanos e outro pelos soviéticos. Essa polarização gerou um conflito político-ideológico entre as duas nações e seus respectivos blocos, cada qual defendendo os seus interesses e a sua ideologia.

A Guerra Fria nunca gerou um conflito armado direto entre Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS), mas o conflito de interesses entre os dois países resultou em conflitos armados ao redor do mundo e em uma disputa que ocorreu em diversos níveis como a economia, a diplomacia, a tecnologia etc.

Acesse também: Conheça a tentativa de reforma que abalou o bloco comunista na Guerra Fria

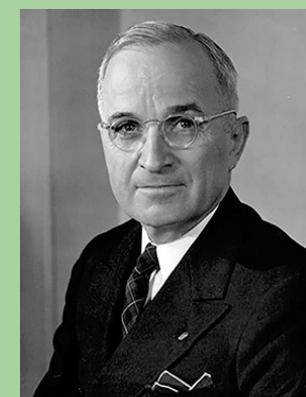
Tópicos deste artigo

- 1 - O que causou o início da Guerra Fria?
 - 2 - Características
 - 3 - Acontecimentos mais importantes da Guerra Fria
- Revolução Chinesa
Guerra da Coreia
Crise dos Mísseis em Cuba
Guerra do Vietnã
Guerra do Afeganistão de 1979
Alemanha na Guerra Fria
- 4 - Cooperação política e militar
 - 5 - Fim da Guerra Fria

O que causou o início da Guerra Fria?

O discurso de Harry Truman, em 1947, marcou o início da Guerra Fria.

A Guerra Fria foi iniciada logo após a Segunda Guerra Mundial, conflito que aconteceu entre 1939 e 1945. Ao final desse conflito, EUA e URSS saíram como as duas grandes potências mundiais e essa situação contribuiu para o surgimento de um cenário de polarização. O início da rivalidade entre americanos e soviéticos no pós-guerra é debatido pelos historiadores.



Considera-se que a Guerra Fria iniciou-se por meio de um discurso realizado por Harry Truman, no Congresso americano, em 1947. Nesse discurso, o presidente americano solicitava verba para combater o avanço do comunismo na Europa e alegava que era papel do governo americano combater o avanço da influência soviética.

Com isso, iniciou-se a Doutrina Truman, ideologia que englobou as medidas realizadas pelo governo americano para conter o avanço do comunismo na Europa. Uma das etapas dessa doutrina foi o Plano Marshall, o plano de recuperação da Europa destruída pela guerra. O objetivo desse plano era aumentar a influência americana na Europa, e os soviéticos percebendo isso proibiram os países de seu bloco a aderirem ao Plano Marshall.

O discurso praticado pela Doutrina Truman utilizava de um discurso alarmista que colocava o governo soviético como um governo expansionista. O governo americano, no entanto, sabia que a postura dos soviéticos era uma postura defensiva, porque o país estava destruído pela guerra e buscava garantir seus interesses apenas na sua zona de influência.

Além disso, outro ponto importante é que as dificuldades econômicas que os países europeus enfrentaram no pós-guerra poderiam abrir espaço para o avanço do comunismo e isso preocupava os americanos. Assim, os americanos desenvolveram um discurso maniqueísta, que foi responsável por polarizar a relação entre as duas nações.

Os soviéticos, que, a princípio, interessavam-se apenas em garantir o controle sobre sua zona de influência, acabaram incorporando o discurso maniqueísta, o que concretizou a polarização que marcou a Guerra Fria.

Características

Dentre as características da Guerra Fria (1947-1991), destacam-se:
Polarização: por meio de dois blocos, um sob influência americana e outro sob influência soviética, foi a grande marca da Guerra Fria. Com isso, americanos e soviéticos possuíam uma retórica agressiva contra seu adversário e tinham aliados estratégicos. Houve uma tentativa de alguns países de realizarem uma política externa independente, sem que fosse necessário aliarem-se a algum dos dois países.

Corrida armamentista: a disputa entre as duas nações e a procura por mostrar-se como força hegemônica motivaram ambos a investirem pesadamente no desenvolvimento de armas de destruição em massa, as bombas nucleares e termonucleares.

Corrida espacial: a disputa entre as duas nações manifestou-se também na área tecnológica e, entre 1957 e 1975, concentrou-se na exploração do espaço.

Interferência estrangeira: os dois países realizaram, ao longo dos anos de Guerra Fria, uma série de interferências em nações estrangeiras como forma de garantir seus interesses. O Brasil, por exemplo, foi alvo disso quando os americanos apoiaram o golpe militar de 1964.

Acontecimentos mais importantes da Guerra Fria

A tensão gerada pela Guerra Fria repercutiu de inúmeras maneiras no mundo ao longo da história humana. Destacaremos algumas informações desses acontecimentos abaixo:

Revolução Chinesa

A China foi um dos locais influenciados pela ideologia comunista e, desde a década de 1920, o país vivia uma guerra civil travada por nacionalistas (apoados pelo EUA) e comunistas (apoados pela URSS). Depois do fim da 2ª Guerra, a guerra civil retomou, e os comunistas conseguiram se impor e conquistaram o poder do país em 1949. O avanço do comunismo pela China alarmou os americanos e fez com que pesados investimentos dos EUA fossem destinados a locais como Japão e Coreia do Sul.

Guerra da Coreia

A Guerra da Coreia foi travada entre 1950 e 1953 e contou com o envolvimento de soldados americanos e soviéticos.

Esse foi o primeiro grande conflito, depois da Segunda Guerra Mundial, e aconteceu entre 1950 e 1953. Esse conflito foi resultado da divisão da

Península da Coreia, feita por americanos e soviéticos, em 1945. O norte, governado por comunistas, e o sul, governado por um governo capitalista.

A tensão desenvolvida entre os dois lados, entre 1945 e 1950, levou os norte-coreanos a invadirem a Coreia do Sul. O objectivo era reunificar a Coreia sob um governo comunista. Os soviéticos participaram do conflito às escondidas, e os americanos entraram no conflito já em 1950. O conflito foi encerrado sem vencedores e a península permanece dividida até hoje.

Crise dos Mísseis em Cuba

O momento de maior tensão em toda a Guerra Fria ficou conhecido como Crise dos Mísseis e aconteceu em Cuba, em 1962. Cuba havia passado por uma revolução nacionalista, em 1959, e um tempo depois aliou-se com os soviéticos por causa dos embargos americanos. Em 1962, os soviéticos resolveram instalar uma base de mísseis em Cuba e deu início à crise diplomática.

Os mísseis instalados em Cuba não representavam séria ameaça aos americanos, mas prejudicavam a imagem do presidente John F. Kennedy. Com isso, o governo americano ameaçou os soviéticos de guerra, caso os mísseis soviéticos não fossem retirados. Duas semanas depois, os soviéticos retiraram os mísseis de Cuba e, em troca, os americanos retiraram mísseis da Turquia.

Guerra do Vietnã

A Guerra do Vietnã aconteceu entre 1959 e 1975 e foi um dos momentos mais tensos dos EUA na Guerra Fria. Nessa guerra, Vietnã do Norte e Vietnã do Sul travavam um conflito aos mesmos moldes do que havia acontecido na Coreia. Os americanos, em socorro aos sul-vietnamitas, invadiram o país e passaram a lutar contra o Vietnã do Norte.

A Guerra do Vietnã foi cara para a economia americana e custou milhares de vidas ao seu exército, que se retirou do país, em 1973, derrotados. Em 1976, o país foi unificado sob domínio do governo do Vietnã do Norte.

Guerra do Afeganistão de 1979

Esse é o conhecido “Vietnã dos soviéticos”. Os soviéticos invadiram o Afeganistão, em 1979, em apoio do governo comunista daquele país contra os rebeldes fundamentalistas islâmicos que actuavam, sobretudo, no interior afegão. Ao longo de dez anos de conflito, os soviéticos lutaram em vão contra as forças rebeldes. Exauridos economicamente, os soviéticos retiraram-se do Afeganistão, em 1989.

Alemanha na Guerra Fria

A Alemanha foi um local de extrema importância durante a Guerra Fria, porque ali a polarização manifestou-se de forma intensa. O país foi dividido em zonas de influência, no fim da 2ª Guerra, e elas resultaram no surgimento de duas Alemanhas: a Alemanha Ocidental, aliada dos EUA, e a Alemanha Oriental, aliada da URSS.

Essa divisão também foi refletida em Berlim que, a partir de 1961, foi dividida por um muro construído pelo governo da Alemanha Oriental, em parceria com a União Soviética. Os comunistas queriam colocar fim a evasão de população da Alemanha Oriental para Berlim Ocidental. O Muro de Berlim permaneceu de pé por 28 anos e foi o símbolo da polarização causada pela Guerra Fria.

Cooperação política e militar

Ao longo dos anos da Guerra Fria, americanos e soviéticos procuraram garantir sua influência sobre o seu bloco e para isso criaram grupos que realizaram a cooperação económica, política e militar entre seus aliados.

Plano Marshall e Comecon: o Plano Marshall, como citado, foi criado pelos EUA para financiar a reconstrução da Europa e conter o avanço do comunismo. Os soviéticos, em represália, criaram o Conselho para Assistência Económica Mútua, o Comecon, que garantia apoio económico aos países do bloco comunista.

Otan e Pacto de Varsóvia: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) foi criado como uma aliança militar entre os países alinhados aos Estados Unidos, em 1949. O Pacto de Varsóvia, por sua vez, criado em

1955, visava a garantir a segurança dos países do bloco comunista.

Fim da Guerra Fria (Os “casos” da democracia)

Nos meus escritos, sempre evitei verter neste jornal diferendos político-partidários, porque é espaço onde, a meu ver, só se justificará, e com toda a legitimidade, dar cabimento à opinião livre dos representantes concelhios das forças políticas, mormente quando estão em causa os problemas da governação local. E se o fazem, como amiúde acontece, é expressamente em nome dos seus cargos partidários, para isso devidamente identificados. Caso diferente é no tocante a opiniões ou reflexões genéricas de natureza ideológica, epistemológica ou casuística sobre as incidências ou as vicissitudes deste regime democrático em que vivemos, respiramos liberdade e sonhamos com o futuro. Essas, sim, cabem aqui como sempre couberam no historial deste jornal.

Incomodados com a violência ou o excesso verbal de alguns actores políticos, e com as diatribes insanas com que inquinam a cena política, não raro ansiamos pela frescura primaveril dos primeiros tempos da construção e consolidação da nossa democracia. Foram tempos de aprendizagem e de fecunda pedagogia, em que contámos com a participação entusiástica do melhor que a cidadania oferecia, regra geral com a disponibilidade voluntariosa de homens e mulheres com provas dadas nas ciências, na administração e nas artes e que entravam para a política para a valorizar e não para dela se servirem ou construir carreira profissional.

S e m



L'Initiative

Une Ceinture une Route

de la Chine Communiste est un Saccage Environnemental

par Judith Bergman

Traduction du texte original: Communist China's Belt and Road Initiative Trashing the Environment

Les dommages que le Parti communiste chinois cause à l'environnement au fur et à mesure que son initiative «Une Ceinture Une Route» (BRI) se développe sont incommensurables. Le gouvernement de Sierra Leone a récemment vendu à la Chine 102 hectares de forêt tropicale protégée et de plages, un lieu d'écotourisme riche de toutes sortes d'espèces marines rares et menacées. Photo : la plage de Tokeh en Sierra Leone, près du Parc national de la péninsule de Western Area, dont une partie a été vendue à la Chine. Les critiques qualifiant cette décision de « désastre humain et écologique ».



(Photo par Issouf Sanogo/AFP/Getty Images)

Les dommages que le Parti communiste chinois cause à l'environnement au fur et à mesure que son initiative «Une Ceinture Une Route» (Belt and Road Initiative, BRI) se développe, sont incommensurables. Le professeur William Laurance de l'Université James Cook de Cairns (Australie), affirme que :

« Partout dans le monde, sur presque tous les continents, la Chine s'est lancée dans une variété vertigineuse de projets miniers, énergétiques, agricoles et d'infrastructure - routes, chemins de fer, barrages hydroélectriques, mines - qui causent des dommages sans précédent aux écosystèmes et à la biodiversité ».

Le dernier désastre écologique lié à la BRI se situe en Afrique de l'Ouest. Le gouvernement de la Sierra Leone vient de vendre à la Chine communiste 102 hectares de forêt tropicale protégée et de plages, un lieu d'écotourisme doté d'espèces marines rares et menacées. Selon la Sierra Leone, la Chine envisage d'y construire un port de pêche. Les opposants au projet hurlent à la « catastrophe humaine et écologique ». Et nombreux sont ceux qui ne croient pas au projet portuaire et affirment qu'à la place surgira une usine de farine de poisson. Les militants écologistes s'emploient à stopper le projet.

Les raisons de s'inquiéter ne manquent pas : en 2016, en Gambie, un pays voisin de la Sierra Leone, la société Golden Lead, propriété du Parti communiste chinois, a construit, dans le cadre de la BRI, une usine de farine de poisson dans la ville côtière de Gunjur. La farine de poisson est du poisson moulu très fin pour nourrir les poissons d'élevage. La pisciculture représente un chiffre d'affaires mondial de plusieurs centaines de milliard de dollars et fournit la moitié de la consommation mondiale de poisson. Peu de temps après la mise en service de l'usine de farine de poisson, la faune du lagon Bolong Fenyo, une réserve naturelle locale, a commencé à décliner en raison des déchets toxiques déversés illégalement par l'usine. En dépit des protestations, la Gambie, qui dépend des investissements étrangers, n'aurait pas levé le petit doigt pour empêcher les déchets de continuer à se déverser dans le lagon.

« L'industrie de la farine de poisson ravage l'environnement, l'emploi local, la sécurité alimentaire et l'économie du tourisme, ont averti des scientifiques, des militants gambiens et des habitants » a écrit le Guardian en mars 2019. « Ce que nous voyons n'est pas du développement », a déclaré le biologiste gambien Ahmed Manjang. « C'est de l'exploitation ».

Outre les usines de farine de poisson, la flotte chinoise de pêche hauturière épouse les stocks de poissons d'Afrique de l'Ouest, ce qui ajoute à la pression sur l'offre.

Un rappel de la portée géographique de la BRI permet de comprendre le défi planétaire que l'initiative «Une Ceinture Une Route» pose à l'environnement : le président chinois Xi Jinping a lancé la BRI en 2013 pour construire une « route économique terrestre de la soie », et une « route maritime de la soie du XXI^e siècle ». Le plan était - et demeure - de construire un énorme réseau de routes, de voies ferrées, de tunnels, de barrages, d'aéroports, de ports, de pipelines gaziers et pétroliers, de centrales électriques, de réseaux de télécommunications, etc. qui relieraont la Chine à l'Asie centrale et au Sud-est asiatique, mais aussi au Moyen-Orient et à l'Europe. La BRI maritime institue de grandes voies navales qui relieraont la Chine à l'Asie du Sud-Est, au Moyen-Orient, à l'Afrique, à l'Europe et même à l'Amérique latine. Cette BRI maritime inclut maintenant ce que la Chine appelle sa « Route de la soie polaire », soit de nouvelles routes maritimes reliant l'Asie à l'Europe via l'Arctique.

Pour donner une idée de l'énorme portée géographique de l'initiative, précisons que 139 pays au moins sont, à un degré ou à un autre, reliés à la BRI.

Les dommages environnementaux ne se sont donc pas limités à l'Afrique de l'Ouest.

En Indonésie, par exemple, Sinohydro, la plus grande entreprise de construction hydroélectrique de Chine, construit un énorme barrage hydroélectrique dans la forêt tropicale de Batang Toru à Sumatra. Le barrage menace de détruire l'existence du singe le plus rare au monde, l'orang-outan Tapanuli, dont il ne reste que 800 spécimens à l'état sauvage. La forêt de Batang Toru abrite également le tigre de Sumatra et le pangolin de la Sonde, deux espèces en voie d'extinction.

Les tigres, espèces rares, sont menacés par la BRI ailleurs qu'en Indonésie. En Asie, « près de 24 000 km de nouvelles routes seront construites dans les Réserves de préservation des Tigres (Tiger Conservation Landscapes, TCL) d'ici 2050, stimulées par de grands projets d'investissement dont beaucoup sont liés à l'initiative chinoise Une Ceinture Une Route, indique une étude publiée en avril 2020, par la revue Science Advances.

En 2019, une étude du World Wildlife Fund (WWF) a recensé les changements et dommages causés à divers écosystèmes fragiles d'Asie du Sud-Est par les projets d'infrastructure de la BRI :

« Les barrages hydroélectriques promus par la Chine le long du fleuve Mékong - qui traverse le Cambodge, le Laos, le Myanmar, la Thaïlande et le Vietnam - ont fait varier le débit du fleuve et ont bloqué la migration des poissons, causant ainsi la destruction des moyens de subsistance des communautés qui vivent de la rivière. Les stocks de poissons ont diminué ces dernières années en raison des barrages hydroélectriques construits en amont au Cambodge et dans les pays voisins... »

« Outre les dommages causés à la flore et à la faune, la déforestation surgit à l'occasion de projets autoroutiers comme la Pan Borneo - qui traverse la Malaisie, l'Indonésie et le Brunei - provoquant des glissements de terrain, des inondations et d'autres problèmes liés à l'atténuation des catastrophes ».

Le WWF a répertorié plus de 1 700 sites menacés dans leur biodiversité et 265 espèces mises en danger par la BRI.

Le Parti communiste chinois est le fer de lance mondial de la déforestation. Déjà en 2012, avant le lancement officiel de la BRI, la Chine était le premier importateur mondial de bois illégal, selon l'Environmental Investigation Agency (EIA) basée à Londres. Selon l'ONG FairPlanet, les commerçants chinois ont épousé le bois de rose au Bénin et en Gambie avant de s'installer au Nigeria. Là, l'EIA a révélé en 2017, qu'1,4 million de grumes de bois de rose, d'une valeur marchande de 300 millions de dollars, ont été récoltées illégalement. Des pots-de-vin distribués aux politiques et hauts fonctionnaires nigérians ont ensuite permis d'acheminer ces grumes en direction du marché chinois.

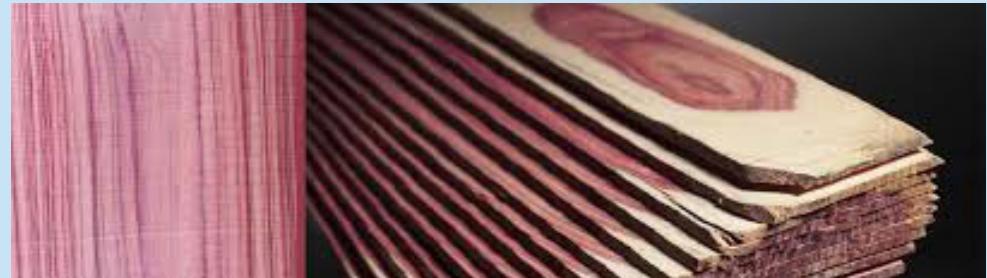
Selon un récent article du Financial Times, les banques chinoises sont les deuxièmes plus grands financiers du commerce des matières premières impliqués dans la déforestation tropicale :

« La Banque industrielle et commerciale de Chine, un établissement public, est le plus gros distributeur de prêts et services de souscription dans la base de données, avec un portefeuille de crédits d'une valeur totale de 2,2 milliards de dollars. Sinochem, un groupe chimique chinois appartenant à l'État, a été le principal bénéficiaire, collectant pour son activité de caoutchouc une gamme de crédits dont la somme atteint 4,6 milliards de dollars. » La BRI ne menace pas seulement les forêts et les espèces animales. Les écologistes considèrent que la BRI a des conséquences potentiellement négatives sur le climat : le Parti communiste chinois « perpétue l'utilisation du charbon et d'autres combustibles fossiles - à peu près partout où la BRI met le pied... Et cela signifie une augmentation notable des émissions de gaz à effet de serre ».

Selon Jennifer Hillman et Alex Tippett, rapporteurs en mars 2021 pour le Council on Foreign Relations :

« Depuis la création de la Belt and Road Initiative (BRI), des capitaux chinois ont financé à hauteur de plusieurs milliards de dollars des projets de combustibles fossiles dans le monde entier. Ces investissements vont à coup sûr rendre l'atténuation du changement climatique beaucoup plus difficile...

« À ce jour, l'énergie et les transports ont été au centre des activités de la BRI, l'énergie captant à elle seule (selon les estimations) 44 % de l'ensemble des investissements.



6 Mandatários romanos com histórias bem curiosas

Você já pensou em como alguém se tornava imperador na Antiga Roma? Surpreendentemente, não havia nenhum procedimento oficial de sucessão. Quando um imperador morria, o trono era disputado por qualquer um dos oficiais de alto escalão, parentes de sangue e, às vezes, candidatos aparentemente aleatórios. É por isso que quase toda a vez que um imperador famoso perecia, todo o império era lançado em pânico e caos. Como você pode imaginar, a perspectiva de riqueza e poder quase ilimitado fez inúmeras pessoas dispostas a lutar e até matar pelo trono de imperador. Mas todas essas provações e tribulações valeram a pena? Pesquisas retrospectivas mostram que quase dois terços dos imperadores romanos tiveram uma morte violenta e precoce. Basta pensar no próprio Júlio César, que foi assassinado por pessoas do seu círculo próximo. Não admira que alguns imperadores tenham governado com bastante relutância... Não importa a nossa posição sobre esse sistema de sucessão curiosamente errático, devemos admitir que ele desencadeou algumas histórias incompreensíveis, como você nunca encontrará em romances de ficção. Veja como 6 pessoas diferentes subiram ao trono do Império Romano (nem todas elas voluntariamente).

1. Nero herdou o trono



Fonte da imagem: Egisto Sani/ Flickr

Estando bastante familiarizados com as monarquias europeias, tendemos a supor que herdar um trono é um processo bastante simples. Mas as coisas não eram tão simples nos tempos da Roma Antiga. Mesmo que não fosse inédito para um imperador suceder ao trono, isso não garantia ao novo imperador e a seus filhos um governo vitalício. Este complicado processo de sucessão é exemplificado pela história de Nero, o 5º imperador romano. Nascido Lúcio Domício Ahenobarbo em 37 d.C., Nero era filho de Júlia Agripina, bisneta do primeiro imperador romano Augusto. Em 49 d.C., Júlia casou-se com o imperador Cláudio e convenceu seu marido a adoptar o jovem Lúcio. O imperador Cláudio faleceu em 54 d.C., e vários historiadores romanos suspeitaram que Júlia o havia envenenado para promover o seu filho. Nero herdou o trono aos 17 anos, mas não demonstrou simpatia pela sua mãe. Apenas cinco anos depois, ele ordenou o assassinato de Julia Agripina. O governo tirânico e a crueldade de Nero ecoam até hoje. O infame imperador foi proclamado inimigo público pelo Senado e foi destituído do poder, levando-o a cometer suicídio em 68 dC. Não tendo descendentes para sucedê-lo, Nero fez o império mergulhar numa desordem ainda maior após a sua morte.

2. Imperatriz Irene de Atenas ganhou poder através da maternidade.



Apenas um homem poderia ser oficialmente proclamado imperador romano, mas isso não impediu que várias mulheres na história governassem o império, mesmo que não pudessem fazê-lo directamente. A história de Julia Agripina é uma tentativa fracassada de governar por meio de seu filho, mas havia outras mulheres nobres poderosas na história da Roma Antiga, particularmente na história do Império Bizantino, que tiveram mais sucesso. Após a divisão do Império Romano, o Império Bizantino (também chamado de Império Romano do Oriente) formou-se em 330 dC com sua capital em Constantinopla (actual Istambul). Vamos acelerar alguns séculos até à morte do imperador bizantino Leão IV, o Cazar, em 780 dC. Na época, o seu sucessor mais velho, o futuro Constantino VI, era jovem demais para assumir o trono. Portanto, sua mãe, a imperatriz Irene, foi nomeada temporariamente para servir como regente. Irene pertencia a uma família grega influente e poderosa e governou o Império Bizantino por conta própria até 790 dC. Quando o ainda jovem Constantino tentou governar por si mesmo, as coisas não correram tão bem, e Irene tomou a decisão executiva de primeiro expulsá-lo e depois cegá-lo para evitar que Constantino se tornasse imperador. Essa decisão cruel acabaria por assombrar Irene, já que o seu reinado como a única soberana duraria apenas de 797 a 802 dC. Irene foi derrubada por seu próprio ministro das Finanças, que a mandou para o exílio e se tornou imperador Nicéforo I.

3. Dídio Juliano comprou o trono



Fonte da imagem: Romainbehar/ Wikimedia Commons

O dinheiro não pode comprar tudo, mas aparentemente pode comprar o título de imperador romano. Dídio Juliano era um governador rico que comprou o seu caminho para o trono. Ele foi o segundo na linha após o imperador Pertinax em 192 dC, num ano conhecido como o “*Ano dos Cinco Imperadores*”. Se você prestou atenção nos números, já sabe que o reinado de Juliano não durou muito, mas é a maneira como ele comprou o título que é realmente inacreditável. Após o assassinato de Pertinax pela Guarda Pretoriana, a posição de imperador ficou vaga. Apenas um lembrete rápido - a Guarda Pretoriana era uma unidade do exército que servia como guarda-costas e agentes de inteligência para os imperadores romanos. Na realidade, eles tiveram um enorme impacto na política romana e eram conhecidos por derrubar e nomear imperadores. Para encontrar o novo imperador, os pretorianos decidiram leiloar o trono pelo maior lance. Julianus ganhou pagando 25.000 sestercios a cada guarda pretoriano, uma quantia que cobria vários anos de pagamento. Assim, Juliano tornou-se imperador, mesmo que não pudesse desfrutar de sua nova posição por muito tempo. Ao descobrir que ele comprou o título de imperador, o público recusou-se abertamente a reconhecer o novo mandatário. Eventualmente, o Senado abandonou o imperador, e ele foi executado pelo seu sucessor apenas 66 dias depois de ascender ao trono.

4. Diocleciano e Maximiano ascenderam vieram de origens humildes



Fonte da imagem: Dronepicr/ Flickr

A história anterior, talvez, prove que ganhar apoio público foi um factor importante para se tornar um imperador romano de sucesso. Mas nenhuma história resume o poder de subir na hierarquia como a do imperador Diocleciano e seu co-imperador Maximiano. Nascido em famílias de baixo status, Diocleciano e Maximiano. Os dois conheceram-se no exército romano e rapidamente ascenderam ao poder. Diocleciano era um excelente político, enquanto Maximiano tinha poder militar. Diocleciano ganhou o trono primeiro e, alguns anos depois, nomeou Maximiano co-governante. Após 20 anos de sucesso no governo, os dois aposentaram-se, embora Maximiano logo tenha retornado à corte, onde acabou morrendo em 310 depois de liderar uma revolta malsucedida contra o imperador Constantino.

5. Cláudio não queria governar, mas a Guarda Pretoriana forçou - o

'Um Imperador Romano' de Lawrence Alma Tadema (1871, recorte)



A história do reinado de Cláudio começa quando o seu sobrinho, o terceiro imperador de Roma, ascendeu ao trono em 37 dC. Esse sobrinho era Calígula, um líder carismático e inicialmente popular que logo demonstrou tirania e brutalidade. Após 4 anos de loucura total, o líder da guarda pretoriana Cassius Chaerea, que foi pessoalmente injustiçado pelo imperador, sabia que tinha que agir. Em 41 dC, os guardas assassinaram Calígula. Quando eles estavam saindo da cena do crime, um dos guardas notou Cláudio, que estava na casa dos 50 anos, escondido atrás de uma cortina. Cláudio ficou a princípio petrificado pelo medo, mas depois caiu em completo choque. A Guarda Pretoriana o arrastou para fora da cortina e para o trono. Relutantemente, Cláudio governou sob seu apoio até 54 dC. E se você leu a primeira história, já sabe como terminou a vida dele.

6. Tibério foi o Imperador Recluso



Fonte da imagem: Egisto Sani/ Flickr

O segundo imperador de Roma, Tibério, aparentemente nunca quis governar. E a princípio, isso não significava grande coisa, pois ele foi adoptado por Augusto e era o terceiro na linha de sucessão ao trono imperial, então as chances dele se tornar imperador eram bastante pequenas aos seus próprios olhos e aos olhos de seus pais. Quase uma década antes de sua ascensão ao trono, Tibério até se retirou da vida pública e viveu na ilha de Rodes como cidadão comum, rejeitando voluntariamente todas as posições. As coisas mudaram para Tibério quando os descendentes naturais de Augusto, seus netos Lúcio e Caio César, morreram. Involuntariamente,

Le Mythe du Propre

par Daniel Greenfield



L'énergie propre nécessite d'énormes quantités de terres rares extraites de mines situées en Chine communiste qui empoisonnent tout ce qui les entoure. Les éoliennes nécessitent d'énormes quantités de balsa, un bois dont l'exploitation contribue au déboisement de l'Amazonie. Ni les turbines, ni les panneaux solaires en fin de vie ne sont recyclés. Ils finissent dans des décharges et deviennent des déchets toxiques. Respirer de la fibre de verre provenant d'éoliennes sectionnées ou de l'eau potable contaminée par les métaux lourds des panneaux solaires nuisent gravement à la santé. Photo : éoliennes au col de San Gorgonio près de Palm Springs, en Californie. (Photo de Lee Celano/AFP via Getty Images)

« Propre » et « intelligent » sont les deux prérequis de toute technologie. Mais les deux sont des mythes.

Les technologies de surveillance sont des technologies intelligentes. Mais elles n'ont rien d'intelligent en soi ; c'est leur capacité d'envoyer et de recevoir des données qui les rendent « plus intelligentes » parce qu'elles favorisent la manipulation des utilisateurs. La partie intelligente de la technologie intelligente vient des êtres humains. Il en va de même pour la partie stupide, quand les gens sacrifient leur vie privée et leur indépendance à des technologies conçues pour eux.

L'énergie propre relève plus encore du mythe. La loi sur la réduction de l'inflation dirige un autre flux de milliards vers les formes inefficaces de production d'énergie que le gouvernement subventionne depuis plus de 50 ans parce qu'une agence de publicité de Madison Avenue les a qualifiées de « propres ».

L'énergie est fondamentalement propre et sale à la fois. Rendre utiles les forces fondamentales de l'univers, nécessite d'extraire du métal, d'abattre des arbres et de transformer des combustibles fossiles en plastique pour assembler des machines. Une fois ces machines en marche, elles dégageront de la chaleur parce que « propres » ou « sales », c'est ainsi que fonctionne la deuxième loi de la thermodynamique. Al Gore lui-même n'échappe pas à l'entropie et le panneau solaire le plus brillant, les éoliennes les plus élégantes ou la Tesla la plus gentiment ronronnante n'empêcheront pas l'énergie d'être gaspillée quand elle est transférée, stockée ou utilisée pour une raison ou une autre, au plan local ou national.

Tibério aceitou o seu papel. Uma citação de Suetônio em A Vida de Tibério descreve a atitude do príncipe: "Um príncipe bom e útil, que você investiu com um poder tão grande e absoluto, deve ser escravo do estado, de todo o corpo do povo, e muitas vezes a indivíduos da mesma forma..." Ao longo dos anos, Tibério passaria a maior parte de sua vida longe de Roma, ignorando e passando a terceiros muitos de seus deveres como imperador. Dito isto, o reinado de Tibério não é visto pelos historiadores como terrível. Comparado com seus sucessores verdadeiramente horríveis, Calígula e Nero. Por mais relutante que Tibério tenha sido, os historiadores consideram o seu governo como um período estável na história romana.

Lyre



9

La lyre (grec ancien : λύπα) est l'un des instruments à cordes pincées dont les cordes sont parallèles à la table d'harmonie et dont la caisse de résonance ne se prolonge pas par un manche ; une structure similaire à celle de la harpe accueille la fixation des cordes. C'est sa position (parallèle à la caisse de résonance) qui la différencie de la harpe.

La lyre était populaire dans les civilisations antiques. Les représentations qui nous sont parvenues ont les formes les plus variées. La caractéristique principale est la caisse de résonance qui est étroite, ce qui rend l'instrument facile à transporter. Le nombre de cordes, limité de 5 à 8, réduisait l'instrument à un rôle d'accompagnement du chant. Aussi, ses nombreuses représentations médiévales sont beaucoup plus des allégories que le témoignage d'une réelle utilisation, du moins après le xe siècle. Son utilisation s'est poursuivie en Europe du Nord, au moins jusqu'au xive siècle et en Afrique jusqu'à nos jours.

Selon la mythologie grecque, le jeune dieu Hermès, fils de Zeus et messager des dieux créa la lyre à partir d'une grande carapace de tortue qu'il perça pour y fixer des roseaux d'où partaient sept cordes en boyaux de brebis ; l'ensemble était recouvert d'une peau de bœuf et se jouait avec un plectre¹. Hermès céda ensuite sa lyre à Apollon^{2,3}.

La lyre est l'attribut d'Hermès, son inventeur, d'Apollon musagète, d'Orphée, d'Érato, muse de la poésie lyrique et par extension du poète lyrique⁴.

La lyre est aussi en général en France un symbole de la chanson et la poésie. Illustrant ce phénomène, Marc Fournier écrit en 1845, parlant des goguettes, qui sont des sociétés chantantes : « elles ont des insignes, des drapeaux et des devises ; elles ont des lyres avec des marottes en sautoirs » ... Une goguette parisienne s'appelle Les Enfants de la Lyre.

Mais qu'est-ce que le propre de toute façon ? L'ancienne gauche a eu beau dénoncer l'amalgame entre la propreté physique et morale, la nouvelle gauche n'a pu s'empêcher de répéter la même erreur. La nouvelle élite intime l'ordre aux mineurs de charbon d'apprendre à coder et à installer des panneaux solaires. Comme les vieilles élites, les nouvelles rejettent la saleté des classes populaires. Les principes absurdes de l'écologisme sont devenus les fétiches esthétiques de la classe supérieure. Ils représentent une sensibilité culturelle et non scientifique. Leur vocabulaire est synonyme d'évasion des réalités de la vie, de technologie intelligente, d'énergie propre et d'informations stockées dans le « cloud ».

La technologie n'a rien de magique. Les seules vraies intelligences sont humaines, la seule énergie est sale et le cloud est un ensemble de serveurs appartenant à une société mondialisée et alimentés par des centrales au charbon où le bruit constant est si fort que les employés finissent par souffrir de dommages auditifs.

Le mythe du propre est construit sur une fuite de la réalité. Cette évolution a un prix élevé, non seulement en raison des milliards gaspillés et des vies ruinées par les gadgets écologistes, mais aussi en raison de toute l'histoire sanglante de la gauche qui n'est qu'une longue évolution de la réalité vers la tyrannie des rois philosophes.

L'énergie et les poubelles de la gauche ne sont pas plus propres que son idéologie et son histoire. Et comme chaque fois, ce sont les plus sales à l'intérieur qui ressentent un besoin pathologique d'être propres à l'extérieur.

Daniel Greenfield est Shillman Journalism Fellow au David Horowitz Freedom Center. Cet article a déjà été publié dans les pages centrales de Front Page Magazine.

La seule énergie réellement économique en énergie provient de créatures bioluminescentes comme les lucioles. Nous ne les avons pas fabriquées et malgré toutes les vantardises des technocrates, nous ne pouvons pas les reproduire.

L'énergie propre dépend d'énormes quantités de terres rares extraites de mines situées en Chine communiste et qui empoisonnent tout ce qui les entoure. Les éoliennes nécessitent d'énormes quantités de balsa, un bois dont l'exploitation contribue au déboisement de l'Amazonie. Les turbines et les panneaux solaires en fin de vie ne sont pas recyclés et finissent à la décharge ou ils deviennent des déchets toxiques. Respirer la fibre de verre d'éoliennes brisées ou boire de l'eau contaminée par les métaux lourds de panneaux solaires menacent gravement la santé.

La plupart des déchets propres que nous appelons « recyclage » finissent également à la décharge. Ce qui différencie les ordures sales des ordures propres est que nous envoyons les secondes pour partie en Chine ou dans des pays du tiers monde où elles sont recyclées dans des conditions primitives, puis renvoyées chez nous. Ceci a duré jusqu'à ce que la Chine prenne des mesures pour lutter contre les risques toxiques de l'industrie du recyclage et refuse une grande partie de nos déchets propres qui vont maintenant dans des décharges tout aussi propres.

Envoyer des boîtes de pizza ou des bouteilles de coca à l'autre bout du monde n'a jamais rien eu de particulièrement écologique. Un reportage a décrit une ville chinoise spécialisée dans le recyclage du plastique comme une « zone morte » ou « le vert a disparu » et où « des feuilles de boîtes en plastique ondulé, de vieux barils en plastique et des flaques géantes de plastic séché » sont déchiquetés, « versés dans des bacs en métal remplis de liquide caustique de nettoyage », puis « l'excès de déchets et de liquide de nettoyage » est « jeté dans une fosse à déchets à la périphérie de la ville ».

Telle est la sale réalité que dissimulent le triangle du recyclage et les publicités remplies de dessins animés de produits jetables qui n'aspirent qu'à être recyclés en nouveaux produits à la demande d'enfants volontaires.

L'énergie propre ou les déchets propres ne sont pas propres parce que cette propreté est fabriquée d'une certaine façon ; cette propreté est uniquement un phénomène de perception.

Un panneau solaire semble esthétiquement plus propre qu'une centrale au charbon. Une voiture électrique qui glisse dans la rue émet un bourdonnement artificiel de vaisseau spatial. Une éolienne brille plus blanc que blanc. De telles impressions superficielles qui confondent l'architecture avec le processus sont au cœur d'une arnaque à mille milliards de dollars.

Les énergies solaire et éolienne sont présentées comme plus naturelles que tout autre type d'énergie parce qu'elles sont associées au soleil et au vent. Elles donnent le sentiment d'échapper aux sales réalités de la thermodynamique. La conception et l'image de marque des panneaux solaires et des éoliennes ont créé un mythe selon lequel ces interfaces sont intrinsèquement propres et aptes à recevoir une générosité magique en provenance du ciel

Le néo-romantisme des années 1960 a rejeté la révolution industrielle. Lorsque les enfants du flower power sont devenus des banlieusards bourgeois travaillant dans la publicité et dans des associations à but non lucratif, ils ont réclamé une technologie qui cadre avec leur illusion de cohérence philosophique. Au lieu de rester fidèles à leurs principes, ils ont redéfini la révolution industrielle pour la faire apparaître plus chère, moins efficace et inaccessible à cette saleté de classe ouvrière. Les nouvelles technologies, comme leur vie de banlieue, ont été cataloguées comme propres au plan moral et esthétique. Comme les ordures recyclées en Chine qui reviennent dans une bouteille rutilante d'eau du robinet purifiée, le sale a été rendu propre à nouveau.

Les idéalistes croient que la vie est en noir et blanc, sale ou propre, et que les deux peuvent être absolument séparés. Mais l'univers ne produit rien d'aussi catégorique et la gauche en quête d'une utopie propre déchire la société depuis deux siècles. La saleté, les mineurs de charbon, les usines et les hommes qui travaillent pour gagner leur vie empêtent l'oppression. Lorsque la lutte des classes a cédé la place au néo-romantisme vert, la classe ouvrière a été abandonnée au profit d'un avenir post-industriel propre et informatisé. Les sales boulot ont été externalisés en Chine tandis que la classe ouvrière s'est retrouvée avec la Rust Belt (Ceinture de Rouille) et des cristaux de méthamphétamine. L'Amérique allait être une nation propre où tout le monde était assis devant un ordinateur portable Apple, roulait en voiture électrique et partait en randonnée. Interdiction de fumer.

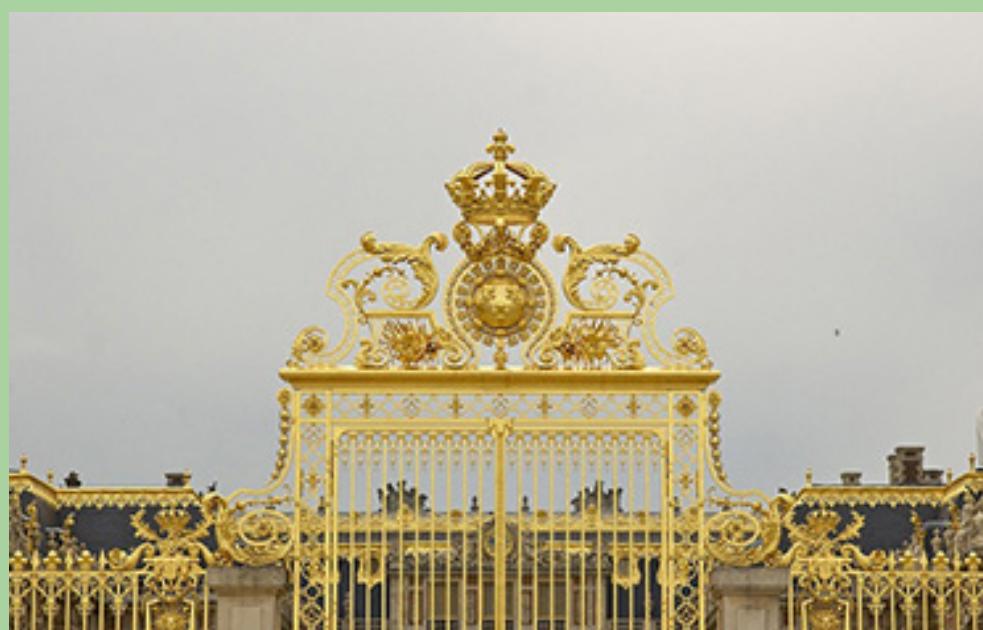
Uma Viagem Através do Chateau de Versailles em Paris

Editor: Laura D.

Recentemente, tive o prazer e a sorte de me ver admirando um enorme campo de vários tons de verde que atravessava numa extensão de mais de 800 acres de largura, dentro do qual ficava um palácio, uma cabana de caça, um jardim, um parque, diversas fontes e outros edifícios e 400 anos de história. Estou falando do Chateau De Versailles, situado na região de Ilha de França, a apenas 24km a sudoeste de Paris, tornando-o uma parada imperdível para qualquer pessoa que faça uma viagem à Cidade do Amor.



O Chateau De Versailles (Vista aérea do Chateau De Versaille, por Como as lágrimas na chuva, Wikimedia Commons) Pegue um metro e mude para um RER (um sistema de transporte regional mais amplo), em direcção a Versailles Château-Rive Gauche. Em menos de uma hora, você estará diante dos impressionantes portões de ouro da enorme beleza que é o Versailles. (Por Jebulon, Wikimedia Commons) Este lindo palácio é o lar de inúmeras belas obras de arte, muitas das quais foram pintadas nas paredes e tectos, e que foram cuidadosamente preservadas, bem como uma abundância de vegetação e fontes deslumbrantes.



(A fonte de Latona, por Harry, Wikimedia Commons) Um acréscimo mais recente, construído no final do século XIX, é o Museu, juntamente, é claro, com uma loja de presentes e uma deliciosa confeitoria com alguns Macarons franceses clássicos que vão deixar seu dia bem melhor. Eu comi bastante por lá!



O Palácio também tem a sempre magnífica Capela Real e outras salas onde a nobreza francesa que vagava pelos seus salões comia, dormia, socializava e, para alguns privilegiados, bebia e caçava, embora não nessa ordem, espero.



O lar de muitos reis (Estátua de Diane, Wikimedia Commons) A ilustre história do castelo começou na década de 1620, quando o primeiro tijolo, para o que viria a ser o monumental Palácio da Monarquia Francesa, foi colocado.

Apesar de seu crescimento ao longo dos anos e o seu actual tamanho avassalador, a sua construção começou apenas com uma simples cabana de caça, construída sob instruções do rei Luís XIII, que se apaixonou pela floresta ao redor depois de algumas viagens de caça quando jovem. No entanto, foi seu filho, Luís XIV, quem realmente contribuiu para o crescimento do palácio, além da casa e do pavilhão de caça construído ao longo dos anos por seu pai.



A maioria das mudanças foi feita por Louis XIV. (Rei Luís XIV, Por Hyacinthe Rigaud, Wikimedia Commons) Seu gosto por Versalhes e pelo palácio construído no seu terreno era inegável. Tanto Luís XV como seu filho Luís XVI viriam a nascer em Versalhes. De facto, Louis XVI mais tarde celebraria o seu casamento com Mary Antoinette na Royal Opera House em Versalhes.



A corte de Versalhes O Tribunal de Versaille, por meio do trabalho avidivo:

Joyborg, Wikimedia Commons) O Tribunal de Versalhes é a magnífica estrutura construída directamente em frente aos portões do Palácio. Por um breve período, de 1715 a 1722, a corte foi erguida e movida pelo rei do Parlamento de Paris, de volta ao castelo, em sua casa. O rei Luís XV ficou entediado com a monotonia da vida real no Palácio das Tulherias e as constantes críticas do público. O retorno da corte e do rei a Versalhes foi uma ocasião celebrada, marcada por uma multidão animada, alinhada na Avenue De Paris. (Capela Real, Por Nono, Wikimedia Commons) O rei realizava a sua costumeira visita à Capela Real, afinal, havia pessoas assistindo, antes de correr directamente para os jardins, seguidos pela atenta guarda real. Foi esse amor por Versalhes que tornou o rei Luís XV famoso pelas suas reformas na Capela Real e na Sala Hércules do castelo. (Por Kimberly Vardeman, Wikimedia Commons) O crescimento do Tribunal foi um grande contribuinte para o crescimento da própria cidade de Versalhes. A título de curiosidade, sabe-se que em um dia normal, a corte de Versalhes abrigava 10 mil pessoas de todas as camadas da sociedade, dos mais nobres dos nobres aos mais simples camponeses. O tribunal deveria ser uma forma de permitir que as pessoas se aproximasse do rei.



As salas das Cruzadas (Por Charles-Philippe Larivière, Château de Versailles Enligne, Wikimedia Commons) Foi finalmente o rei Louis-Philippe quem projectou o edifício com uma das características mais impressionantes dentro das paredes do palácio no final do século XIX.

(Sala de jantar dos reis, Chateau De Versailles) Uma série de quartos foram comissionados e construídos na Ala Norte do Palácio pelo então Rei como uma homenagem à nobreza legitimista, um dos muitos nobres franceses que só poderiam retornar à França após a queda de Napoleão Bonaparte. As pinturas adornadas nas paredes dessas salas ostentavam o brasão dos principais líderes das cruzadas e mostravam as maiores histórias das oito cruzadas. (Galeria de Batalhas, Por Albeins, Wikimedia Commons) Grande parte da obra foi transferida para o





12 pavilhão central da ala norte, uma área agora chamada de “Pavilhão dos Reis”. As salas das Cruzadas são por vezes utilizadas como locais de concertos. Para quem procura curtir a sua música como a realeza. Os quartos reais Para passar a vida cotidiana, os residentes do regente deste maravilhoso palácio tinham um número infinito de quartos, salões de festas, salões de baile e muitos outros. Os mais famosos são: Salon de Mercure (Salon de Mercure, Por Anjelayo, Wikimedia Commons) Apesar da aparência convidativa, esta cama só foi usada duas vezes, principalmente pelo rei nas ocasiões em que teve que fazer aparições gerais para o público.



Câmara da Rainha (Câmara das Rainhas, Wikimedia Commons) Esta sala era uma das muitas partes de uma série inteira de quartos privados para as rainhas, todos chamados de Apartamentos da Rainha. Eles foram feitos para parecer muito semelhantes aos do rei.

Câmara du Dauphin / Dauphine (Câmara du Dauphin, Wikimedia Commons)



Dauphin e Dauphine eram o filho e a filha do rei, respectivamente. Muito parecido com a rainha, cada um tinha sua própria série de quartos. Para os jovens príncipes, foram nomeados os Apartamentos Delfim e para as princesas, foram os Apartamentos Dauphine.

Salão de Venus (Tecto do Salão



de Venus, por Livioandronico2013, Wikimedia Commons) Esta sala de visitas era um dos quartos favoritos do rei Luís XIV. Foi também uma sala de apresentação para o rei, pois leva à entrada principal do Grand Apartments.

O Salão dos Espelhos (Salão dos Espelhos, Myrabella, Wikimedia Commons) O Salão dos Espelhos é o destaque desta visita e continuará a ser assim toda vez que eu tiver a chance de ir lá. Cada centímetro quadrado do teto e da parede é coberto com espelhos ou obras de arte impressionantes, representando momentos de importância histórica, histórias da mitologia e palavras de sabedoria.



(Tecto, Salão dos Espelhos, Chateau De Versailles) No projecto original do Palácio, um terraço com vista para o jardim foi construído pela primeira vez, onde agora fica o Salão dos Espelhos. (Jardim extenso do Chateau De Versailles) Infelizmente, dada a sua abertura à condição de tempo de banho e a sua posição desajeitada entre os quartos do Rei e da Rainha, a ideia acabou por ser demolida (juntamente com o terraço real). Foi no final dos anos 1600 que o sucessor do arquitecto original do palácio completou a construção do Salão dos Espelhos, com toda a sua grandeza, esplendor e graça silenciosa.

O Jardin. Vasculhando minhas fotos eu mudei de ideia. Os jardins têm que ser o destaque da viagem! (Jardim do Chateau De Versailles, Por Nono, Wikimedia Commons) Olhando pelas janelas do Salão dos Espelhos, você terá um vislumbre da paisagem infinita que é o Jardim de Versalhes. (Orangerie, Jardim do Chateau De Versailles, Wikimedia Commons) Um majestoso mar de verde, incrustado com muitas e belas estátuas e fontes, o Jardim é uma das vistas mais incríveis que você irá testemunhar.



(Orangerie, Jardim do Chateau De Versailles, Wikimedia Commons)



(O Grande Canal, por um cavalheiro muito particular, Wikimedia Commons) As fontes (A carruagem de Apolo, por J. degivry, Wikimedia Commons) Depois de ver tudo no Palácio e no terreno que há para ver, seu dia está chegando ao fim. A melhor maneira de terminar um dia no Chateau (ou terminar qualquer dia) é caminhar até o Grande Canal, no terreno do Chateau, entrando no labirinto de arbustos e entrando e saindo das árvores.



(Passeio do jardim, Chateau De Versailles) O jardim em si tem uma circunferência de mais de 23 hectares com duas fontes enormes no local (uma das quais é agora um destino famoso graças ao seu colorido show de luzes), um teatro ao ar livre e um labirinto de arbustos cuidadosamente mantidos levando a uma floresta indomável .



13



(Fonte Bassin De Flore esculpido por Jean Baptiste, por Coyau, Wikimedia Commons) No centro de tudo isso, há uma longa e sinuosa massa de água, conhecida como o Grande Canal, que se estende por mais de 5,5 km.



Jardins e fontes de Versailles



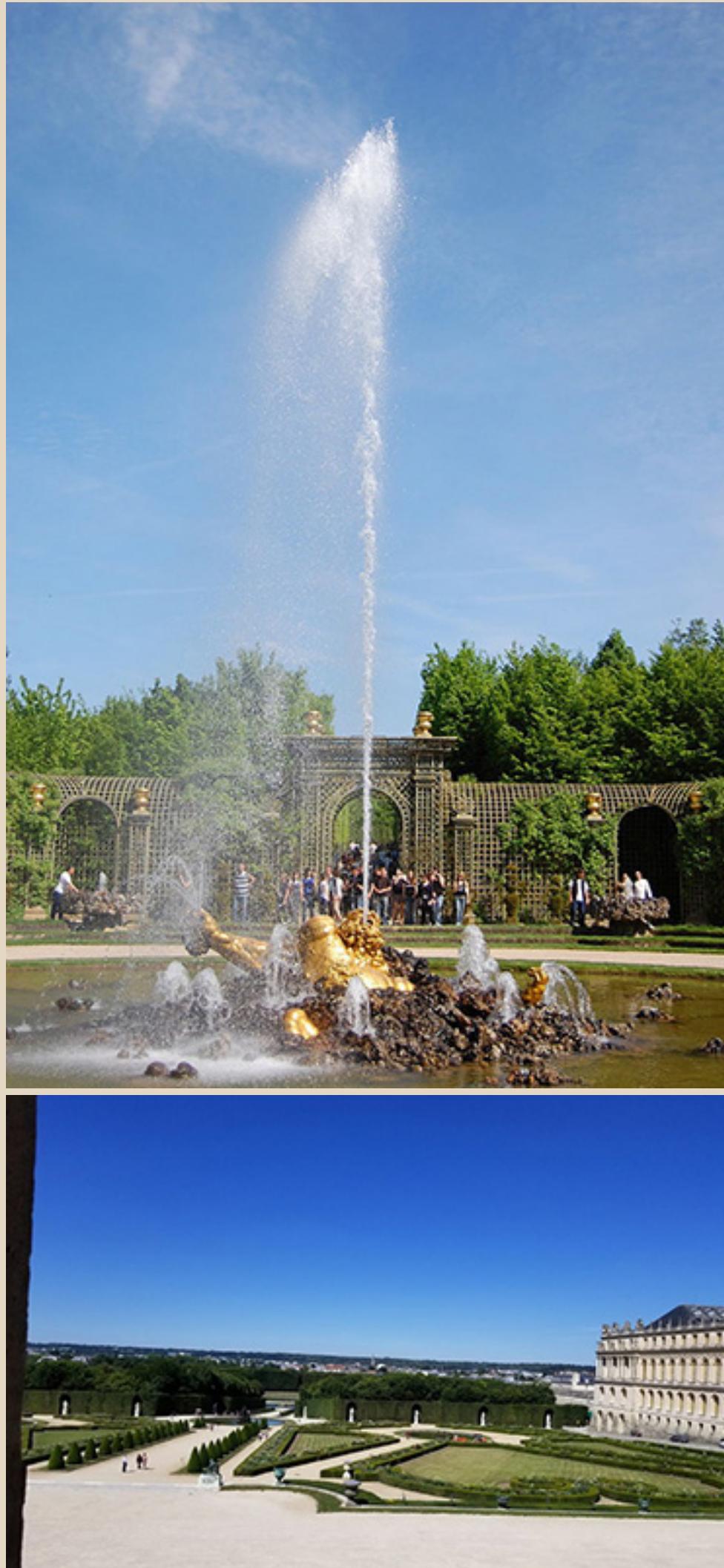
(O Bassin de Latone, por Coyau, Wikimedia Commons) Através de fileiras ornamentadas e entre linhas de estátuas de heróis e heroínas ao longo do tempo, grandes fontes retratando histórias incríveis e momentos capturados no tempo, por uma mão de artistas.



(Fonte de Saturno (Netuno), de François Girardon, Wikimedia Commons) Cada fonte leva você para o final (com muita caminhada), o golpe de misericórdia, a Fonte do Dragão.



(Fonte de L'encelade, Por Gaspard Marsy, Wikimedia Commons) Um dragão abatido pelo jovem deus do sol, Apolo, jogando a cabeça para trás, cercado de ambos os lados por golfinhos. O jacto mais alto de água atinge impressionantes 26 metros no ar, com os outros jactos pairando logo abaixo. Imagine a vista: jactos de água sincronizados, combinados com belas músicas e um sol poente.

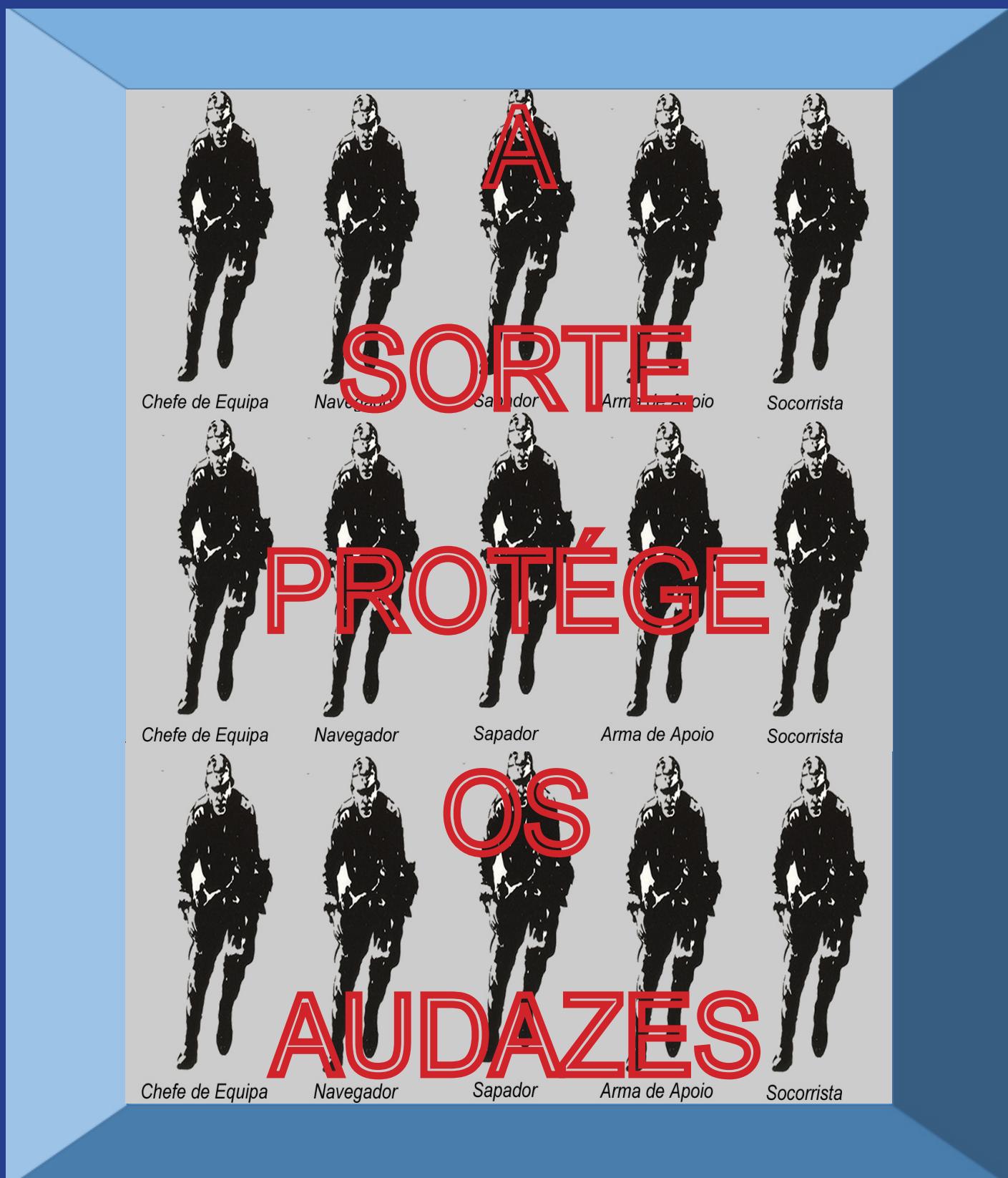
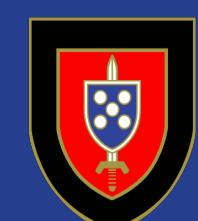


(Fonte no Parque de Versailles, (por edwin, Wikimedia Commons) Quem imaginou que uma viagem a algum palácio nos arredores de Paris poderia lhe dar tamanha felicidade. Esta é a explicação para a espera de 1 hora para entrar!



VERSAILLES

COMANDOS



Ajudemos os COMANDOS do curso 127 que foram constituídos arguidos

NIB - 0033-0000-45536014942-05

As enormes despesas tornam muito apreciada a vossa esperada colaboração

A Associação de COMANDOS agradece-vos : MAMA SUMÉ !!!

O Presidente da AC

José Lobo de Amaral



La voiture électrique est-elle vraiment écolo ?

Sur l'ensemble de son cycle de vie, la voiture électrique est généralement plus écolo que sa concurrente thermique. Mais cela dépend de nombreuses conditions, et son futur développement ne règle pas notre dépendance au tout-voiture.

Par Justin Delépine

Ah, la 4L ! Que vous l'ayez conduite quand vous étiez plus jeune ou que ce soit l'un de vos parents ou grands-parents qui la manœuvrait à leur plus bel âge, vous la connaissez si bien que vous pourriez la dessiner les yeux fermés. Pour surfer sur sa notoriété, Renault a dévoilé, lors du salon de l'automobile qui s'est ouvert cette semaine, la version électrique de ce modèle mythique.

Mais il y a de fortes chances que vous ayez du mal à la reconnaître. Signe d'un changement d'époque, le véhicule est loin de la petite voiture de 500 ou 700 kilogrammes qu'on a connu il y a quelques décennies. Il s'agit dorénavant d'un SUV1 électrique imposant s'étalant sur plus de 4 mètres de long.

De quoi relancer le débat : la voiture électrique est-elle vraiment écolo ? Cela tombe bien, l'Ademe² vient de publier une nouvelle note sur le sujet.

Ce petit rapport n'apporte rien de fondamentalement nouveau mais a le mérite de faire une synthèse de l'état des connaissances sur le véhicule électrique, dans un contexte où le virage technologique vers ce dernier est maintenant acté.

En effet, la vente de voitures neuves thermiques (fonctionnant à l'essence ou au diesel) sera interdite en Europe dès 2035. D'ici là, les normes européennes imposent aux constructeurs de vendre une proportion croissante de véhicules 100 % électriques, sous peine d'amendes. Or cette stratégie est engagée sur la base de motifs écologiques, à savoir la réduction de la contribution du transport au réchauffement climatique.

Différencier fabrication et fonctionnement

Alors, la voiture électrique est-elle écolo ? La réponse de L'Ademe est à la fois claire et nuancée. Claire, car l'agence affirme que oui, elle peut-être plus écolo que les autres. Son impact carbone sur l'ensemble de sa durée de vie est ainsi « 2 à 3 fois inférieur à celui d'un modèle similaire thermique », écrit l'agence. Mais sa réponse reste nuancée car elle rappelle que son caractère écolo dépend de plusieurs conditions.

La voiture électrique est deux à trois fois plus polluante à produire mais dix fois moins polluante à l'usage

Le principal enjeu réside dans l'intensité de l'utilisation de la voiture sur toute sa durée de vie. Car le point noir est sa batterie. En effet, sa fabrication nécessite l'extraction de nombreux métaux, à la fois pour fabriquer les cellules et assembler la batterie.

Tout ce processus est fortement énergivore. Si bien que la production d'une voiture électrique affiche une empreinte carbone deux à trois fois plus élevée que son équivalence thermique. Sur la fabrication stricto sensu, donc, la voiture électrique est nettement perdante.

La grande différence d'un point de vue climatique se joue bien sûr lors du fonctionnement. Le véhicule à batterie peut être rechargeé avec de l'énergie d'origine renouvelable et donc faiblement carbonée. Si elle est rechargée à partir d'électricité produite à partir de centrales faiblement émissives en CO₂, comme c'est le cas actuellement en France grâce au nucléaire et à l'hydraulique, l'empreinte carbone pendant sa phase d'usage est dix fois inférieur aux autos roulant à base d'hydrocarbures.

Une dette à rembourser

« Au fil des kilomètres, cet avantage permet d'abord de "rembourser" la dette carbone initiale comparée à son équivalent thermique, puis de réduire fortement les quantités de gaz à effet de serre générées par la conduite du véhicule », résume l'Ademe.

Si on sort la calculette, la voiture électrique est deux à trois fois plus polluante à produire mais dix fois moins polluante à l'usage, ce qui aboutit au résultat d'une empreinte carbone deux à trois fois inférieure au véhicule thermique. Pour ce dernier, l'empreinte carbone se joue en effet essentiellement lors de

la phase d'usage, lorsque le véhicule brûle du pétrole.

« *L'impact carbone d'un véhicule électrique augmente quasi proportionnellement à son poids* » – Ademe

De quoi rappeler – s'il le fallait encore – que la voiture électrique n'a d'intérêt que si on déploie des énergies renouvelables ou décarbonées pour l'alimenter. Recharger son auto avec du courant provenant de centrale à charbon n'a aucun intérêt écologique. Compte tenu de l'empreinte carbone de la fabrication, le résultat est même pire que de choisir un véhicule thermique.

L'un des apports de la note de l'Ademe est cependant de préciser l'intérêt (ou pas) de la voiture électrique selon plusieurs paramètres, dont la taille du véhicule, la capacité de la batterie, et l'intensité de l'utilisation. L'intérêt environnemental de la voiture varie en effet grandement puisque « *l'impact carbone d'un véhicule électrique augmente quasi proportionnellement à son poids* ».

Pour reprendre la logique de la « *dette carbone* » présentée ci-dessus, avec une petite citadine électrique équipée d'une batterie de 22 kWh (comme la Twingo électrique), celle-ci est compensée au bout de 20 000 km. Pour une voiture compacte avec une batterie de 60 kWh, la compensation de l'écart d'émission avec son équivalence thermique nécessite de parcourir 70 000 km. Ce chiffre grimpe à plus de 100 000 km pour un gros véhicule électrique avec une capacité de 100 kWh.

La voiture électrique est plus écolo si son cycle de vie est long

Emissions de carbone cumulées (en tonnes d'équivalent CO₂) selon le kilométrage et l'énergie utilisée

Cette information est fondamentale car le poids constitue le principal problème de l'électrification actuelle de l'industrie automobile. La nouvelle 4L embarque par exemple une batterie de 42 kWh. Mais la voiture électrique qui s'est le plus vendue en France l'année dernière, la Tesla Model 3, transporte une batterie d'une capacité d'environ 70 kWh. L'électrique n'échappe ainsi pas à la mode du « *tout SUV* » qui caractérise les ventes de voitures neuves thermiques et hybrides.

Ainsi, l'Ademe préconise de privilégier les voitures électriques de petite taille, type citadine, qui répondent à l'usage majoritaire des voitures : des petites distances comme les trajets quotidiens domicile-travail. Pour les longues distances, l'agence publique appelle à privilégier des solutions alternatives comme le train.

Une équation plus complexe qu'un moteur

De quoi rappeler que le véhicule électrique n'est qu'un des aspects de la complexe équation de la transition écologique dans les transports. Cette équation – parfois appelée équation de Kaya – a plusieurs paramètres : le nombre de kilomètres parcourus (moins on en fait, moins on pollue), le type de transport utilisé pour les kilomètres parcourus (les transports en commun sont moins polluants que la plupart des transports individuels), le remplissage des véhicules (l'augmenter permet de diminuer le nombre de voitures pour un même nombre de personnes transportées), l'efficacité énergétique des véhicules (les rendre plus légers, plus aérodynamiques et donc plus économiques), et enfin le changement de type d'énergie utilisée (c'est là qu'intervient la voiture électrique par rapport au véhicule thermique). Se lancer dans une politique massive d'équipement en véhicule électrique risque de conduire à faire l'impasse sur le modèle du tout-voiture, qui pose des problèmes : étalement urbain, embouteillages, accidents...

Autrement dit, le véhicule électrique permet uniquement de remplacer le pétrole par des énergies renouvelables mais n'enlève pas les autres critiques faites à la voiture. Parmi elles, l'utilisation très individualiste (le taux de remplissage des véhicules se situe autour de 1,3 passager par véhicule) ou encore le fait qu'il s'agit d'un véhicule calibré pour faire des trajets de plus de 500 kilomètres, mais qu'il est très majoritairement utilisé pour des distances de quelques kilomètres et passe l'essentiel de son temps sur un parking.

Se lancer dans une politique massive d'équipement en véhicule électrique risque de conduire à faire l'impasse sur le modèle du tout-voiture, qui pose des problèmes (étalement urbain, embouteillages, accidents...) bien plus larges que la seule question énergétique.

Accessibilité financière

Dernier aspect de la question : son accessibilité financière. La voiture électrique est-elle vraiment réservée aux riches, comme on l'entend souvent ? Première observation, le procès est un peu injuste, car c'est la voiture tout court qui leur est essentiellement réservée : son usage actuel est en effet déjà fortement inégalitaire.

Mais, surtout, l'Ademe montre que le coût complet d'une voiture électrique est équivalent voire inférieur au véhicule thermique. La raison est simple : l'énergie pour la faire rouler est moins chère : « *le prix de revient en électricité pour réaliser 300 km est à l'heure actuelle d'environ 10 euros en charge normale (à domicile) [...] contre 30 euros environ en mode thermique* », note l'agence publique.

Si la voiture électrique est moins chère sur l'ensemble de son cycle de vie, l'investissement initial qu'il faut pouvoir assumer reste encore trop élevé pour de nombreux ménages modestes

Mais là encore, tout dépend de la taille de la voiture. Une électrique avec une batterie de taille supérieure est plus onéreuse à se procurer. Ce surcoût d'investissement initial n'est pas compensé par l'énergie utilisée moins coûteuse, d'autant plus que « *la consommation électrique peut varier dans un rapport de 1 à 2,5 selon la taille et le poids du modèle* », souligne l'étude.

Si la voiture électrique est moins chère sur l'ensemble de son cycle de vie, l'investissement initial qu'il faut pouvoir assumer reste encore trop élevé pour de nombreux ménages modestes. Emmanuel Macron vient certes d'annoncer le passage du bonus écologique de 6 000 à 7 000 euros pour l'achat de voiture à batterie pour la moitié des ménages les plus modestes. Mais le geste reste largement insuffisant pour nombre de ménages pauvres étant donné le prix de ces véhicules neufs.

A ce titre, « *le développement du marché de l'occasion est un enjeu majeur du déploiement du véhicule électrique, afin de faciliter leur appropriation par le plus grand nombre* », formule l'Ademe. L'organisme préconise par exemple des dispositifs pour caractériser de manière objective l'état de la batterie, qui est centrale dans la valeur du véhicule, ou encore de mettre en place des offres de financement dédiées au marché de l'occasion.



Le C-4



Escola Prática de Infantaria

Quartel Convento de Mafra



A Escola Prática de Infantaria (EPI) MHTE • MHA • MHL era um estabelecimento de ensino do exército português, cujo objectivo era a formação de tropas na arma de infantaria. Este estabelecimento estava instalado em parte do edifício do Convento de Mafra, na vila de Mafra.

Foi criada em 1890 e desativada em 2013, passando as suas funções para a Escola das Armas.

História

A origem da Escola Prática de Infantaria remonta ao período da terceira invasão francesa, quando o marechal William Carr Beresford cria o Depósito de Recrutas de Infantaria no Convento de Mafra, em 1809. Anos mais tarde, em 1841, o mesmo convento recebe diversas unidades militares, desde caçadores, infantaria, artilharia, lanceiros e cavalaria. O Depósito Geral seria encerrado em 1860, depois de aí terem falecido 94 recrutas devido a uma doença do foro infecto-contagioso. Em 1887, o ministro da Guerra, visconde de São Januário, cria oficialmente a Escola Prática de Infantaria e Cavalaria, por carta de lei de 22 de Agosto, reunindo numa mesma escola a formação para as armas de infantaria e cavalaria. No ano seguinte, é criada a primeira carreira de tiro em Portugal.

Em 1890, os cursos de infantaria e de cavalaria são separados, ficando a escola de Mafra com a instrução de infantaria e a designação de “*Escola Prática de Infantaria*”. Esta separação teve por objectivo a especialização dos oficiais saídos da Escola do Exército na arma de infantaria; o regulamento que separou as duas especialidades, também criará as secções tiro, esgrima e ginástica. Mais tarde, em 1902, é criada a Escola Central de Sargentos.

A designação da EPI é alterada para “*Escola de Tiro da Infantaria*”, em 1911. Em 1926, é reestabelecida a anterior designação de “*Escola Prática de Infantaria*”.

A Escola Prática de Infantaria esteve presente em momentos de destaque na história de Portugal, dos quais se destaca a preparação das tropas para a Guerra Colonial Portuguesa e a participação na Revolução do 25 de Abril de 1974.

A Escola Prática de Infantaria foi desativada a 1 de Outubro de 2013, na sequência de unificar as diversas escolas práticas das armas do Exército numa única Escola das Armas.

J Y M ARCHITECTURE

Services & Plans D'Architecture
Résidentiel • Rénovation • Commercial • Multiplex

Jean-Yves Mesquita T.P.

Technologue en Architecture

Cel. 514.972-9985 • @:info@jymarchitecture.com • www.jymarchitecture.com



ORDRE DES
TECHNOLOGUES PROFESSIONNELS
DU QUÉBEC

Comment les Américains et les Européens Encouragent le Terrorisme Palestinien

par Bassam Tawil

1er novembre 2022

Traduction du texte original: How Americans, Europeans Embolden Palestinian Terrorism



Le silence des Américains et des Européens face à l'inaction et à la rhétorique des dirigeants palestiniens équivaut à un blanc-seing donné à la Fosse aux Lions et aux autres groupuscules terroristes. Si l'administration Biden et les Européens s'imaginent qu'Abbas ou tout autre dirigeant palestinien va empêcher un terroriste d'assassiner des Juifs, ils se trompent lourdement. Photo : des membres du groupe terroriste palestinien Lions' Den lors d'un enterrement dans la ville de Naplouse le 23 octobre 2022. (Photo de Jaafar Ashtiyeh/AFP via Getty Images)

La Fosse aux Lions est un nouveau groupe terroriste contrôlée par l'Autorité palestinienne (AP). Basée à Naplouse en Cisjordanie, la Fosse aux Lions se compose de plusieurs dizaines d'hommes armés affiliés à différentes factions palestiniennes, dont le Hamas, le Jihad islamique palestinien et le Fatah, ce dernier étant le parti au pouvoir dirigé par le président de l'Autorité Palestinienne (AP), Mahmoud Abbas.

L'AP compte des centaines d'agents de sécurité à Naplouse mais a laissé faire les terroristes de la Fosse aux Lions, qui ont revendiqué une série d'attaques par balle contre des soldats et des civils israéliens à Naplouse et ses environs au cours des dernières semaines.

Au lieu de respecter les accords qu'ils ont signé et de mettre un terme aux attaques terroristes dans les zones qu'ils contrôlent, les Palestiniens ont laissé faire.

L'article XV de l'accord intérimaire israélo-palestinien de 1995 sur la Cisjordanie et la bande de Gaza stipule que :

« Les deux parties prendront toutes les mesures nécessaires pour prévenir les opérations terroristes, les délits et actes d'hostilité dirigés contre l'une ou l'autre des parties, contre les personnes et les biens qui relèvent de l'autorité de l'une ou de l'autre, et les deux parties prendront des mesures légales contre les contrevenants. »

L'article XIV ajoute :

« À l'exception de la police palestinienne et des forces militaires israéliennes, aucune autre force armée ne sera autorisée ou n'opérera en Cisjordanie et dans la bande de Gaza. À l'exception des armes, munitions et équipements de la police palestinienne et des forces militaires israéliennes, aucune

organisation, groupe ou individu en Cisjordanie et dans la bande de Gaza ne doit fabriquer, vendre, acquérir, posséder, importer ni introduire en Cisjordanie ou dans la bande de Gaza des armes à feu, des munitions, des armes, des explosifs, de la poudre à canon ou tout équipement connexe. »

La réalité est là : l'Autorité palestinienne ne respecte pas les accords qu'elle a signé avec Israël.

À Gaza, jamais l'AP n'a tenté d'empêcher le Hamas de bâtir une infrastructure terroriste massive. Par la suite, le Hamas a utilisé son arsenal pour attaquer Israël, mais aussi pour renverser le régime de l'AP et prendre le contrôle total de la bande de Gaza.

Le même scénario se répète aujourd'hui en Cisjordanie, notamment dans les zones contrôlées par les forces de sécurité de Mahmoud Abbas.

Depuis le début de l'année, un certain nombre de groupes terroristes, dont la Fosse aux Lions, ont émergé sous le nez d'Abbas ; lequel s'est montré peu disposé - à moins qu'il n'en ait été incapable - à envoyer ses forces de sécurité à l'assaut les terroristes. En d'autres termes, les Palestiniens violent clairement les accords qu'ils ont librement signé avec Israël.

Au lieu de lutter contre le terrorisme, Abbas et l'AP condamnent Israël qui arrête ou tue les terroristes. Au lieu d'exhorter les milices à cesser de tenter d'assassiner au quotidien des Israéliens, les dirigeants palestiniens considèrent ces miliciens comme des « héros » et des « martyrs ».

Lorsque les services de sécurité israéliens ont traqué et abattu certains miliciens de la Fosse aux Lions à Naplouse, le porte-parole d'Abbas, Nabil Abu Rudaine, a accusé Israël d'avoir commis un «*crime de guerre*». Telle est la logique tordue des dirigeants palestiniens : au lieu de dénoncer les terroristes qui attaquent les Israéliens, alors qu'ils s'y sont officiellement engagés - et à plusieurs reprises qui plus est -, ils s'en prennent à Israël qui se défend contre cette vague actuelle de terrorisme.

Mahmoud Habbash, conseiller aux affaires religieuses d'Abbas, a décrit la mort violente des terroristes de Naplouse comme un «*odieux massacre*». En affirmant que les miliciens de la Fosse aux Lions avaient le droit de «*résister*», Habbash a approuvé le terrorisme anti-israélien. Précisons aussi que les terroristes décrivent également leurs attaques contre les Israéliens comme une forme de «*résistance*».

Quand un haut responsable palestinien comme Habbash affirme que les terroristes ont le droit de «*résister*», il les encourage à persévérer. De telles déclarations ne sont pas seulement une violation des accords que les Palestiniens ont signés avec Israël, mais aussi une recommandation pour attaquer toujours davantage.

La veille du jour où les services de sécurité israéliens ont attaqué une cellule de la Fosse aux Lions à Naplouse et tué l'un de ses commandants, le ministre de la Santé de l'AP, Mai al-Kaila, avait ouvertement félicité les terroristes. En visite à Naplouse, al-Kaila avait déclaré : «*Nous saluons et respectons la Fosse aux Lions et les familles des martyrs.* »

Deviennent «*martyrs*» les terroristes qui sont abattus par les forces de sécurité israéliennes alors qu'ils ont perpétré ou tenté de perpétrer des attentats. Les remarques du ministre montrent malheureusement que les dirigeants palestiniens soutiennent et glorifient tout Palestinien qui prend les armes et choisit de tuer des Israéliens.

La chose est connue, les dirigeants palestiniens ont mis au point un mécanisme intitulé «*payer pour tuer*». Chaque mois, l'AP rémunère des terroristes palestiniens emprisonnés en Israël, ou les familles de terroristes qui ont été abattus après un attentat. Les familles des terroristes de la Fosse aux Lions bénéficieront vraisemblablement de ces largesses mensuelles.

Le Fatah d'Abbas persiste à faire l'éloge des terroristes. Monir al-Jaghoub, un haut responsable du Fatah en Cisjordanie, a encensé publiquement Uday Tamimi, un terroriste qui avait abattu une femme soldat israélienne à Jérusalem au début du mois d'octobre.

Un autre haut responsable du Fatah, Abbas Zaki, a également fait le panégyrique de la Fosse aux Lions :

« Chacun de nous est dans la Fosse aux Lions. Chacun de nous est un [membre des] Brigades des martyrs d'Al-Aqsa [la branche armée du Fatah]. »

Saiu numa edição do Financial Times (maior jornal sobre economia do mundo).

Como arranjar um marido rico

Uma jovem mulher enviou um e-mail para o jornal a pedir dicas sobre “como arranjar um marido rico”.

Contudo, mais inacreditável que o “pedido” da rapariga - que não é das da Rua de Baixo -, foi a resposta do editor do jornal que, muito inspirado, respondeu à mensagem, de forma bem fundamentada, em termos económicos.

Divirtam-se. Vale a pena ler. Uma lição apenas . . .

Sensacional!

E-mail da rapariga:

“Sou uma mulher linda (maravilhosamente linda) de 25 anos.

Sou bem articulada e tenho classe.

Quero casar-me com alguém que ganhe no mínimo meio milhão de dólares por ano.

Há algum homem que ganhe 500 mil ou mais nesse jornal, ou alguma mulher casada com alguém que ganhe isso e que me possa dar algumas dicas?

Já namorei homens que ganham por volta de 200 a 250 mil, mas não consigo passar disso.

E 250 mil por ano não me vão permitir morar em Central Park West.

Conheço uma mulher (do meu grupo de ioga) que casou com um banqueiro e vive em Tribeca!

E ela não é tão bonita quanto eu, nem é inteligente.

Então, o que é que ela fez que eu não fiz?

La direction palestinienne ne considère pas que les attaques terroristes menées par des membres du Fatah soient un problème. Et les Brigades des martyrs d'Al-Aqsa, qui incluent dans leurs rangs certains terroristes de la Fosse aux Lions, sont la branche militaire du Fatah, mouvement dirigé par Mahmoud Abbas.

Le soutien et la glorification du terrorisme par les dirigeants palestiniens n'a rien pour surprendre. En revanche, c'est bel et bien l'attitude des gouvernements étrangers qui est surprenante – et même profondément troublante –. Les Américains et les Européens fournissent une aide financière et politique à l'Autorité palestinienne, mais n'interpellent jamais Abbas et les dirigeants palestiniens sur leur soutien public au terrorisme ni sur leurs violations répétées des accords qu'ils ont volontairement signés avec Israël.

« Nous n'aurons pas recours aux armes, nous n'aurons pas recours à la violence », a déclaré Mahmoud Abbas dans le dernier discours qu'il a prononcé devant l'Assemblée générale des Nations Unies : « nous n'aurons pas recours au terrorisme, nous combattrons le terrorisme ». Mais ses propos s'adressaient à la communauté internationale, et non à son propre peuple. Depuis son discours, c'est par dizaines que les Palestiniens vivant dans les zones contrôlées par les forces de sécurité d'Abbas ont perpétré des attaques terroristes contre des Israéliens.

Le silence des Américains et des Européens face aux actions et à la rhétorique des dirigeants palestiniens est un feu vert donné à la Fosse aux Lions et à tous les autres mouvements terroristes.

Si l'administration Biden et les Européens croient qu'Abbas ou tout autre dirigeant palestinien va empêcher un terroriste d'assassiner des Juifs, ils se font quelques illusions.

Bassam Tawil est un Arabe musulman basé au Moyen-Orient.

Qual a estratégia correcta?

Como chego ao nível dela?

Raphaella S.

Resposta do editor do jornal:

“Li o seu pedido com grande interesse, pensei cuidadosamente no seu caso e fiz uma análise da situação.

Primeiramente, eu ganho mais de 500 mil por ano. Portanto, não estou a tomar o seu tempo à toa...

Posto isto, considero os factos da seguinte forma:

Visto da perspectiva de um homem como eu (que tenho os requisitos que procura), o que oferece é simplesmente um péssimo negócio.

Eis o porquê: deixando o convencionalismo de lado, o que sugere é uma negociação simples, proposta clara, sem entrelinhas: Você entra com a beleza física e eu entro com o dinheiro.

Mas há um problema.

Com toda a certeza, com o tempo a sua beleza vai diminuir e um dia acabar, ao contrário do meu dinheiro que, com o tempo, continuará a aumentar.

Assim, em termos económicos, você é um activo que sofre depreciação e eu sou um activo que rende dividendos.

Você não somente sofre depreciação, mas sofre uma depreciação progressiva, ou seja, sempre a aumentar!

Explicando melhor, você tem 25 anos hoje e deve continuar linda pelos próximos 5 ou 10 anos, mas sempre um pouco menos a cada ano.

E no futuro, quando se comparar com uma fotografia de hoje, verá que se transformou num caco.

Isto é, hoje você está em ‘alta’, na época ideal de ser vendida, mas não de ser comprada.

Usando a terminologia de Wall Street, quem a tiver hoje deve mantê-la como ‘trading position’ (posição para comercializar) e não como ‘buy and hold’ (comprar e manter), que é para o que você se oferece...

Portanto, ainda em termos comerciais, casar (que é um ‘buy and hold’) consigo não é um bom negócio a médio/longo prazo! Mas alugá-la, sim! Assim, em termos sociais, um negócio razoável a ponderar é, namorar.

Sem ponderar...

Mas, já a ponderar e, para me certificar do quanto “articulada, com classe e maravilhosamente linda” você é, eu, na condição de provável futuro locatário dessa “máquina”, quero tão somente o que é de praxe: fazer um ‘test drive’ antes de fechar o negócio... podemos marcar?”

Philip Stephens, associate editor of the Financial Times – USA



Do Tempo da Outra Senhora

A Escrita como Instrumento de Libertação do Homem



Dia de Finados

Dia dos mortos (1859)

William-Adolphe Bouguereau (1825-1905).
Óleo sobre tela.

Musée des Beaux-Arts de Bordeaux.

Dia de Finados

A 2 de Novembro assinala-se o Dia de Finados ou Dia dos Fiéis Defuntos. Este dia é celebrado entre nós com tristeza, pois recordam-se as pessoas de família e os amigos que já morreram. De acordo com a tradição católica, as pessoas acorrem aos cemitérios para prestar homenagem aos mortos. Para tal, deixam ramos de flores nas campas e acendem velas para iluminar os falecidos no caminho para o Paraíso, ao encontro da comunhão com Deus e oram e mandam rezar missas em sua memória. Para os católicos, o culto dos mortos é, em certo sentido, a festa da vida, já que acreditam na imortalidade da alma.

A veneração e o culto dos mortos integram as práticas de todas as religiões desde tempos imemoriais, tendo inicialmente estado ligado aos cultos agrários e de fertilidade. Os mais antigos acreditavam que, tal como as sementes, os mortos eram enterrados com vista à ressurreição. Em particular, desde os primórdios do cristianismo que a oração pelos mortos é uma prática corrente entre os cristãos, crentes no Purgatório e na eficiência das preces em benefício do descanso e da purificação da alma dos defuntos, familiares ou não, sobretudo aqueles que não tenham deixado na terra quem o pudesse fazer.

A Igreja Bizantina consagrou uma data destinada a estas orações, fixando-a no sábado que antecedia o último domingo antes da Páscoa, enquanto na Igreja Siríaca a celebração decorria na sexta-feira dessa mesma semana. No Ocidente a prática manifestava-se no século VII, celebrada no interior dos mosteiros, ainda que em data variável.

A veneração e culto dos mortos compreende celebrações colectivas ou

individuais, tais como exéquias ou ofícios fúnebres religiosos (missas de corpo presente, do 7.º e do 30.º dia, etc.). Todavia, a primeira referência a comemorações por intenção dos defuntos, efectuadas anualmente e em data fixa, associadas à Festa de Todos os Santos é atribuída a Santo Isidoro de Sevilha (c. 560-636) no século VII, ainda que se deva ao abade de Cluny, Santo Odilon (c. 962-c.1048), a introdução do ritual litúrgico no seu mosteiro entre 1025 e 1030, daqui irradiando a todos os mosteiros da ordem e depois à Igreja no seu todo.

O Ofício de Defuntos é difundido pelos mosteiros a partir do século XIII, embora desde os tempos apostólicos possam encontrar-se textos alusivos à oração pelas almas.

Na Igreja Católica, na celebração litúrgica do Dia de Finados, recita-se o "Ofício de defuntos" e as missas são de "Requiem", ainda que o dia 2 de Novembro calhe a um domingo.

Em 1915, por concessão de Bento XV (1854-1922), através da bula "Incruentum Altaris" foi autorizado a todos os sacerdotes da Igreja Católica celebrarem três missas no dia dos Fiéis Defuntos. Este privilégio já havia sido concedido a Portugal, Espanha e América Latina pelo papa Benedito XIV (1675-1758) em 1748, devido à influência desse costume na Igreja de Aragão, enquanto Leão XIII (1810-1903) estende a concessão a toda a igreja, pedindo que no último domingo de Setembro todos os sacerdotes celebrem urna missa para os defuntos, extensiva aos sacerdotes falecidos. A nível da pintura europeia, a Missa e Ofício de Defuntos ilustram códices medievais e renascentistas, onde se observa o uso dos paramentos negros pelos clérigos e vestimentas de luto negras por parte dos fiéis. A nível de pintura do séc. XIX conhecida, observa-se igualmente o uso de vestuário negro por parte daqueles que ocorrem aos cemitério no Dia de Finados.



Pão por Deus

Para além das cerimónias fúnebres religiosas relacionadas com o culto dos mortos, as comemorações do Dia de Finados abarcam igualmente expressivas celebrações alimentares características desta ocasião, representadas principalmente pelos bolos especiais, pão e frutos secos, sobretudo a castanha.

As refeições ceremoniais próprias deste dia, sob a forma de manjares, refeições ou dádivas aos defuntos ou aos mesmos consagradas através dos seus familiares vivos, são reminiscências de práticas rituais ancestrais, identificadas com o culto dos mortos.

No Dia de Finados era tradição, as crianças e os pobres pedirem de porta em porta o "pão por Deus" ou seja os manjares ceremoniais que lhes são oferecidos nesta data. Na crença popular, crianças e adultos representam as almas dos mortos que neste dia vagueiam pelo mundo, simbolizando a dádiva do "pão por Deus" a esmola que se dá por tenção dos defuntos ou uma oferenda dada às próprias almas. O povo crê que por cada bolo por eles comido, há uma alma que se livra do Purgatório.

Ainda hoje é possível ver grupos de crianças a pedir de porta em porta o "pão por Deus", arrecadando em troca romãs, peras, maçãs, nozes, pinhões, figos, rebuçados, bolachas, pãezinhos e dinheiro que recolhem num saco destinado aos donativos.

Em Portugal, ainda são respeitadas outras crenças muito antigas, como não caçar nem pescar no Dia de Finados.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho. *FESTAS E TRADIÇÕES PORTUGUESAS / Novembro e Dezembro*. Círculo de Leitores. Lisboa, 2003.

Hernâni Matos

Blogue dedicado à Cultura Portuguesa (Etnografia, História, Literatura Oral, Bonecos e Olaria de Estremoz, Defesa do Património, Azulejaria, etc.)

